

A emocionante conversa com três peixeiras de Póvoa de Varzim

Rose Mary Gerber

A emocionante conversa com três peixeiras de Póvoa de Varzim¹
Rose Mary Gerber²

Póvoa de Varzim fica a cerca de trezentos e quarenta quilômetros da capital, Lisboa, e situa-se na região Norte de Portugal aonde cheguei para saber quem são as mulheres das pescas nesta localidade. Devo dizer que meus deslocamentos e muitos contatos foram mediados por Manuel Costa, diretor da Biblioteca Municipal por Póvoa de Varzim, contato inicialmente sugerido por meu amigo antropólogo, Luis Martins.

Em Póvoa de Varzim, se os homens vão ao mar, pescam e trazem, são as mulheres que cuidam, limpam, arranjam, vendem; sabem tudo sobre o mar e a vida que ali se passa. Estas poveiras são chamadas peixeiras. É sobre elas que vamos saber um pouco a partir das narrativas feitas por suas próprias palavras. Trata-se, segundo ouvi das peixeiras, de um conhecimento adquirido por meio do aprendizado direto e contínuo que, se por um lado é intra-gênero, passado de mulher para mulher; por outro é intergeração, pois se dá entre avós, mães, filhas e netas. Começam muito cedo, em torno dos nove, dez, onze anos, quando ainda “eram apenas crianças”, o que gerou em algumas uma revolta inicial; em outras uma paixão que as fazia “fugir para estar nesta vida”. Trata-se de uma vida difícil por um lado, mas que, por outro, é a vida que aprenderam e que sabem viver.

Trata-se de afirmar categoricamente que sem as mulheres poveiras peixeiras, a pesca de Póvoa de Varzim não tem como ter continuidade, pois são elas que conseguem dar aos produtos que os homens pescadores trazem do mar, uma mais valia que só é possível com o beneficiamento, a limpeza e a comercialização de seus produtos. Trata-se, pois, do fato de que o mundo das pescas não se constitui só do ato direto de pescar, de ir ao mar, mas de todos os momentos que acontecem assim que os pescadores chegam a terra e que as mulheres entram em ação.

¹ Agradeço ao incansável senhor Manuel Costa, Diretor da Biblioteca Municipal de Póvoa de Varzim, e toda sua equipe de trabalho, pela recepção, gentileza, material cedido e contatos viabilizados.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), Brasil; funcionária da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); e doutorado sanduíche em Portugal. Seu tema de pesquisa é sobre mulheres pescadoras.

Senhora Suzana Ribeiro da Costa



Imagem 01: Senhora Suzana

A primeira senhora peixeira com quem fui conversar é a senhora Suzana Ribeiro da Costa, já reformada. Encontrei-a no Centro Dia da Santa Casa de Misericórdia. Apresentei-me e disse que gostaria de ouvir sua história de peixeira. Entusiasticamente, me responde: mas pode ser já! O que a menina quer saber? Respondo-lhe: quero que me conte a sua trajetória de peixeira: como começou; com quem aprendeu; qual é o seu nome. Ao que me conta:

Eu sou Suzana Ribeiro da Costa, nascida em 1921. Tive três filhos. O meu marido viveu em África e no Brasil. Tive duas meninas e um menino. Minha vida na pesca? Meu avô, José Gonçalves Viana, já era pescador. Meu paizinho já andava na pesca em um lanchão. A nossa vida foi sempre na pesca. Eu fiz a terceira classe. Eu não gostava de estar presa. Eu era uma Maria Homem. Gostava de andar solta. Não gostava de estar presa a estudar. Nem de estudar, nem de nada dentro de casa. Fui ajudar a minha mãe. A minha mãe era peixeira de estar no mercado e vender pelas ruas da Póvoa. Saí da escola com nove anos. Fui acompanhar minha mãe na venda. Eu era muito fina Sabe e fiz minha mãe me comprar um tabuleiro. Botavam-me umas seis pescadas, uns vinte linguados arieiros. Não era vendido a quilo, era a olho. Depois de duas horas eu já voltava e pedia mais a minha mãe. Quando ela viu que eu tinha rasgo, já fiquei no mercado. E comecei. Até os oitenta e tantos anos. Hoje estou com noventa anos e seis meses. Sempre gostava dessa vida de vender. Hoje não ando porque já não tenho forças. Hoje também tem que pensar nas finanças. Eu vendia para muitos. Sou conhecida, tanto quanto a Amália Rodrigues, a fadista. É. Sou mesmo.

Duas peixeiras do Mercado Público de Póvoa de Varzim

Após conversar com dona Suzana, decidi conversar com peixeiras que estão na atividade e fui ao Mercado Público de Póvoa de Varzim. Há muito movimento e não quero interferir no seu trabalho. Olho; e meu olhar encontra o de uma senhora, que me pergunta: um peixinho? Rindo, respondo que hoje não, que na verdade gostaria de falar com ela, interferindo o mínimo possível, ao que aceita conversar comigo, parando a cada chegada de alguma pessoa que demonstre interesse em seus produtos.

Isabel da Silva Carvalido



Senhora Isabel e seu esposo, Senhor Antônio Felipe Nunes

Eu sou Isabel da Silva Carvalido. Tenho 66 anos, nascida em oito de agosto de 1945. Comecei com 12 anos porque a minha mãe tinha muitos filhos. Eram nove e ela ficou viúva nova, com 35 anos. O meu pai era pescador. Ele morreu no mar. Eu tinha seis anos. A minha mãe ficou viúva com três meses de grávida. O meu irmãozinho não conheceu o pai. Então comecei a trabalhar. Fui eu que quis. A minha mãe não queria. A minha mãe queria que eu fosse para a costura. Mas eu não queria. Eu fugia porque queria isso. Eu queria antes andar do que estar dentro de casa. Casei com 18 anos. Ele já era pescador. Ele tinha 20 anos. Para ser peixeira precisa saber do artigo, do peixe, da qualidade do peixe. Saber estudar e saber explicar, que eu estudei até a terceira classe, mas sei explicar bem. Tem que atender bem o cliente. Aqui na Póvoa são mais as mulheres que são peixeiras. Já para o sul, os homens também são. É diferente, norte de sul. Os que vêm sempre comprar são fregueses. Os outros, não. É cliente - Peço para me explicar melhor e ele continua: freguês é uma relação mais de perto; o cliente é aquele que aparece. O freguês vem sempre, vem hoje, vem amanhã. É algo mais seguido. Tem um conhecimento. O cliente aparece.

Madalena Marafona



Senhora Madalena

Tenho 70 anos completados no dia 28 deste mês. Trabalho há 45 anos como peixeira. Comecei com 11 anos, em Vila do Conde. Neste mercado estou há 30 anos. Aprendi com a minha avó materna. Foi ela que me ensinou a pesca. A minha mãe era peixeira, a minha avó, a família toda é piscatória. Tenho até a terceira classe. Depois já não. Andava na pesca. Não gostava disso no princípio. Os meus pais tinham muitos filhos. Eu tenho seis irmãos. Como sou a filha mais velha, tinha que trabalhar. E foi assim. Hoje estou acostumada. Posso dizer que gosto. Mas na época éramos crianças, dez, onze anos. Nem adolescentes éramos. Éramos crianças. As pessoas de 50, 60, 100 anos atrás éramos muito escravos. Para ser peixeira tem que ser prática para o trabalho e simpática para atender o freguês porque se não for simpática não agrada. A energia e o riso que tenho hoje; já os tinha há tempos atrás. É o mesmo. Freguês é aquele que vem seguido. Diz para que quer o peixe e eu dou a ementa: se é para fritar leve isso; se é para cozer, leve aquilo. O cliente é aquele que a gente precisa chamar: olhe, é mais barato. Venha, venha! Isso aqui no Norte porque lá para o Sul é diferente. O povo nortenho, nós, do Norte de Portugal, vai ver, somos mais abertos, falantes, principalmente as mulheres. No sul, são mais fechados.

Como é possível perceber, as poveiras peixeiras não embarcam. Porém, tem uma ligação direta com o mar e com a vida que nele se desenrola. São centrais no processo de comercialização do pescado. Trabalham de oito a dez horas por dia, sendo que além de vender, arranjam o produto, de acordo com o gosto dos compradores; organizam e mantêm a limpeza do local. Conhecem profundamente o que estão fazendo, citando qualidades e para que serve cada tipo de peixe. Sabem dos preços de venda; entendem, falam e sabem de tudo. São de uma energia, disposição e vivacidade que nos admira, parte da arte de bem atender as pessoas na venda do peixe, uma arte que as peixeiras dominam.